

PLACAR

40 ANOS



O MAIOR CRAQUE DA SELEÇÃO DE DUNGA VIROU INCÓGNITA NA COPA

Risco, KAKÁ

POR QUE ELE FICOU 45 DIAS SEM JOGAR?

ELE RETARDOU A VOLTA PARA CHEGAR INTEIRO À ÁFRICA?

SUA LESÃO NO PÚBIS É MESMO CRÔNICA?

A SELEÇÃO TEM UM PLANO B SE ELE FRACASSAR?

PLACAR RESPONDE A ESSAS PERGUNTAS E MUITO MAIS

EXCLUSIVO
A DOR QUE PERSEGUE
RICARDO GOMES

FLAMENGO
ESSE BANDO
DE MALUCOS
TEM SOLUÇÃO?

+ POR QUE
JOEL É O REI
DO RIO

A NOVA SAFRA
DE GURIS
DO GRÊMIO

ENTREVISTAS
COM KALOU,
ADILSON
BATISTA E
BARESI



SMS: PLACAR
PARA: 22745

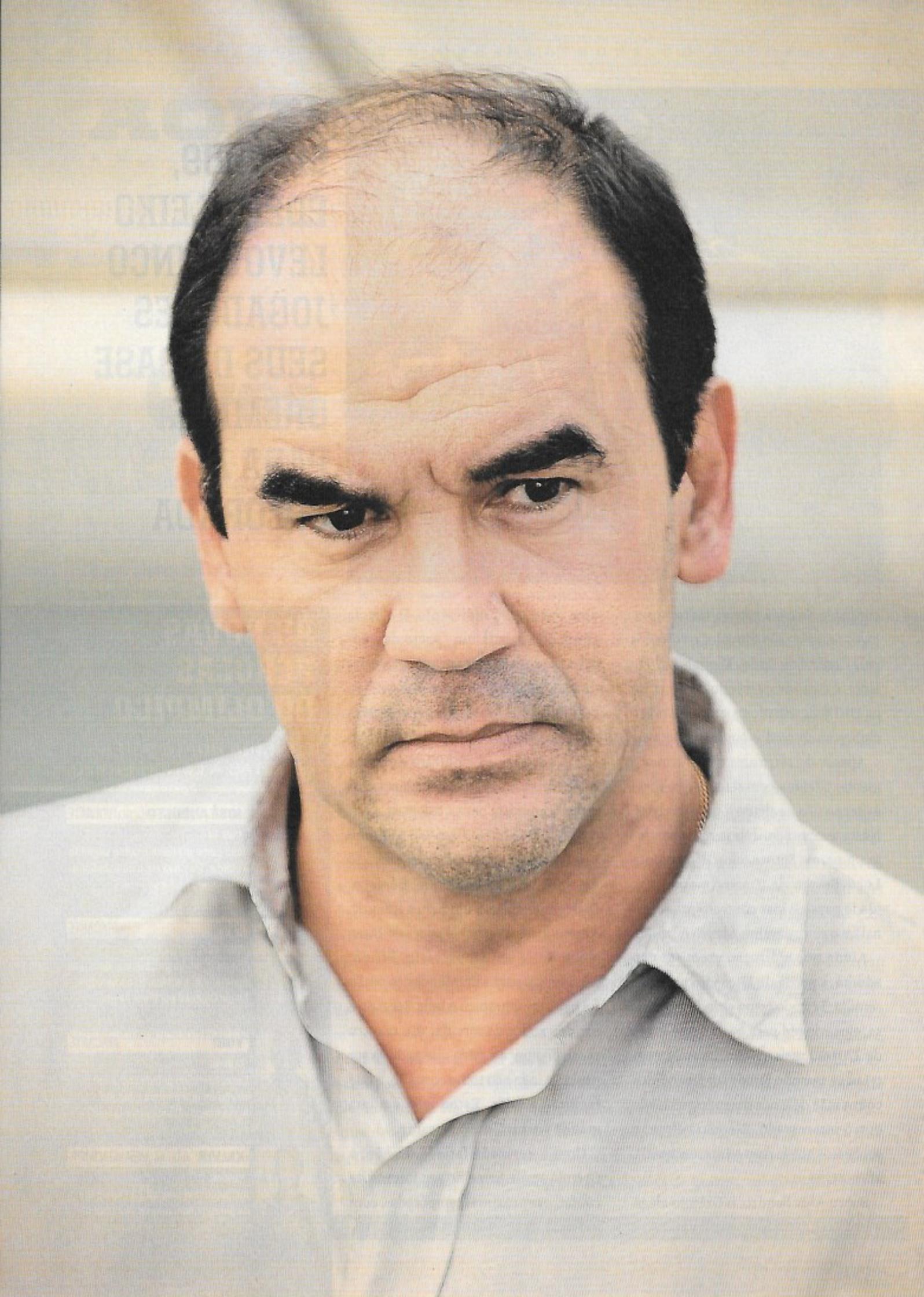


ED 1342 - MAIO 2010 - R\$ 10,00

ISSN 0104-3762

01342

9 770104 176000





A DOR DE RICARDO

EX-CAPITÃO DA SELEÇÃO BRASILEIRA E HOJE TÉCNICO, RICARDO GOMES CONTA À PLACAR O QUE NUNCA DISSE A NINGUÉM: JOGOU A CARREIRA TODA COM O **JOELHO DIREITO ESTOURADO** E SENTINDO DORES. HOJE ELE TEM DIFICULDADE PARA FAZER ESPORTES E ATÉ PARA SUBIR ESCADAS

POR BERNARDO ITRI, RICARDO PERRONE E FLÁVIA RIBEIRO
DESIGN L.E. RATTO FOTO RENATO PIZZUTTO



À esquerda, antes da lesão no púbis, Ricardo marca Maradona na Copa América de 1989; abaixo, o capitão levanta a taça do torneio



“**A** velha ainda anda?”, pergunta o médico Gérard Saillant, referindo-se à radiografia que olha junto ao médico do Paris Saint-Germain. “Anda, joga amanhã e pelo seu time”, ouve Saillant. O joelho revelado na chapa e comparado ao de uma velha é o de Ricardo Gomes, ex-capitão da seleção brasileira, que viu a cena sem ser notado pelo renomado médico francês.

A imagem do joelho deformado pela artrose é o símbolo da história dramática e pouco conhecida do personagem que, jovem, teve o joelho destroçado, superou uma infecção hospitalar e passou a carreira driblando a dor e a desconfiança dos médicos. Só não impediu que sequelas o tirassem de uma Copa.

Com quase dez anos de carreira (e de sucesso no esporte), o episódio num hospital de Paris não foi o primeiro em que um médico espantou-se com seu joelho. “Todos se assustavam quando viam meu joelho”, diz, rindo, Ricardo.

Hoje, ele ri do sofrimento. A imagem vista pelos médicos franceses é consequência da contusão que Ricardo sofreu em 1984, quando tinha 19 anos. Num torneio na Coreia do Sul, pelo

Fluminense, o zagueiro foi fazer a cobertura de Duílio e, ao girar o corpo, rompeu os ligamentos do joelho direito e a cápsula. Ricardo suportou quatro dias que a delegação ficou na Coreia e 27 horas de voo para o Brasil com muitas dores. “Fiquei o tempo todo na Coreia à base de gelo, mas o hotel tinha só uma máquina de gelo. Não podia andar”, afirma Ricardo. “Arnaldo Santiago era o médico na época e estava preocupado porque a cirurgia tem de ser imediata”, diz René Weber, ex-colega de clube.

Logo que chegou ao Brasil, foi operado. Dois dias após sair do hospital, os

**QUANDO
ELE COMEÇOU
A CORRER
NO CAMPO,
LEMBRO
QUE TODOS
COMEÇARAM
A APLAUDIR**

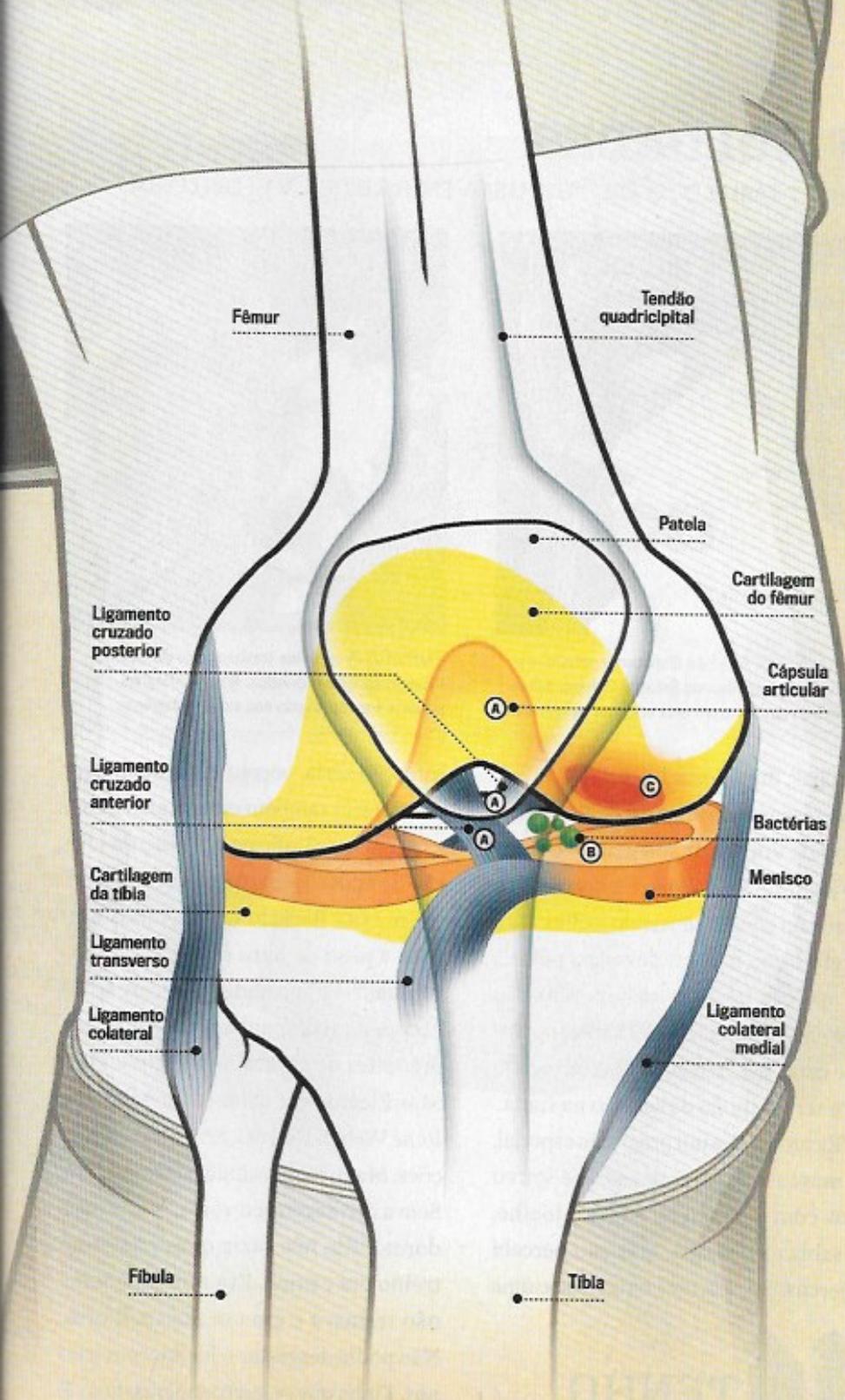
René Weber, falando sobre o primeiro dia em que Ricardo Gomes treinou após a lesão

médicos constataram infecção hospitalar. Começava o drama. A somatória de lesão, infecção e um mês deitado na maca do hospital em convalescência culminou com uma recuperação mais longa — Ricardo Gomes perdeu 25 quilos em 30 dias no hospital. “Os caras iam me visitar e se assustavam porque eu estava muito magro”, diz.

Depois de cerca de nove meses de fisioterapia e tratamento no Fluminense, o zagueiro foi fazer seu primeiro treino no campo. “Quando ele chegou às Laranjeiras para correr, foi impressionante. Estava muito magro mesmo, assustava. E então ele começou a correr em volta do campo. Lembro que todos, jogadores e comissão técnica, começaram a aplaudir. A gente batia palmas e ele dava a volta no campo”, afirma René. Ricardo lembra: “É verdade. As palmas foram num momento que era só o início do trabalho. As pessoas estavam surpresas que eu estivesse voltando”.

Zagueiro de classe, canhoto, Ricardo Gomes voltou aos poucos ao futebol. Porém seu joelho não era o mesmo. “Durante a semana, não treinava conosco. Fazia esteira, musculação. Ele era um jogador privilegiado, inteligente, que sabia de suas limitações”, afirma Ricardo Rocha, ex-companheiro de zaga na seleção. No Fluminense, embora Gomes não se lembre de ter sido poupado de qualquer tipo de atividade, seu reserva na época, Alexandre Torres, recorda os treinamentos em que ele era preservado: “Se no treino a gente tinha que cabecear 100, 200 bolas, ele cabeceava umas 20 para não forçar o joelho com o impacto no solo. Na sexta, ele fazia o coletivo e no fim de semana jogava. E não perdia uma bola”.

A adaptação de seu corpo à nova maneira de jogar acontecia naturalmente. Suas passadas largas para marcar, ☺



“JOELHO DE VELHA”

ENTENDA COMO FOI A GRAVÍSSIMA LESÃO NO JOELHO QUE RICARDO GOMES SOFREU EM 1984

1 A CONTUSÃO

Pelo Fluminense, num torneio na Coreia do Sul de inauguração do estádio Olímpico de Seul, Ricardo gira o corpo em cima do joelho direito e rompe os ligamentos cruzados anterior e posterior e a cápsula articular (A). De volta ao Brasil após alguns dias de dor, é operado pelo médico Arnaldo Santiago, do clube

2 A INFECÇÃO

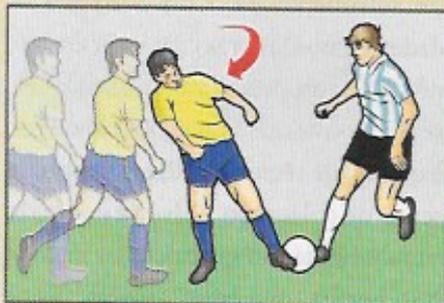
Depois de dois dias da cirurgia, uma infecção hospitalar é constatada (B). “A infecção pode ter acontecido ou pela entrada de algum corpo estranho durante a cirurgia ou por outra infecção que o paciente tenha e que é transmitida pelo sangue”, afirma o médico Joaquim Grava

3 ARTROSE

“As bactérias - no joelho por causa da infecção - criam um processo inflamatório intenso, que lesiona a cartilagem (C) e causa artrose”, diz o Dr. Felipe Pinheiro Savioli, especialista em medicina esportiva. Com o tempo, a cartilagem danificada afetou os movimentos de Ricardo Gomes

SAÍDAS DE CRAQUE

AS DORES NO JOELHO FIZERAM RICARDO CRIAR ALTERNATIVAS PARA JOGAR



DESARMES

Como a lesão foi no joelho direito e Ricardo era canhoto, sua marcação ficou mais dependente da perna esquerda. Para desarmar os adversários, o ex-zagueiro poucas vezes usou a direita



DE COSTAS

Segundo especialistas, a corrida para trás - bastante usada pelos zagueiros para marcar - exige muito esforço do joelho. A alternativa para não falhar na defesa que Ricardo usava era a corrida lateral ou frontal.

DRIBLANDO AS DIFICULDADES

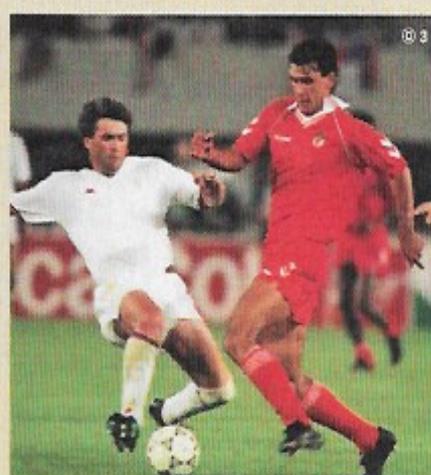
A LESÃO DE RICARDO GOMES NÃO O IMPEDIU DE TER UMA CARREIRA VITORIOSA



FLUMINENSE Depois de ter sofrido a lesão que o incomodaria por toda carreira, em 1984, Ricardo Gomes ainda jogou cinco anos pelo tricolor carioca



PAN-AMERICANO Ao disputar (e vencer) os jogos de Indianápolis, nos Estados Unidos, com a seleção, se envolveu em uma briga no vestiário



EUROPA Pretendido também pelo Barcelona, Ricardo escolhe o Benfica. No time catalão, poderia ser reprovado nos exames médicos

com as dores, foram encurtadas. O maior incômodo vinha após os jogos, quando o joelho inchava. Como antes da lesão já não era veloz, ficou ainda mais lento. Mesmo assim, Ricardo se destacava e ir para a Europa era inevitável. Em 1988, Benfica e Barcelona queriam contratá-lo. No entanto, o joelho ruim novamente tornou-se um problema. Seu aspecto não era dos melhores e, quando tivesse de ser aprovado pelo departamento médico do novo clube, uma análise mais minuciosa poderia barrar sua transferência.

Ricardo, aconselhado pela comissão técnica da seleção brasileira, foi para o Benfica. “O Barcelona vai te reprovar”, ouviu. Ao chegar a Portugal, o médico do clube não estava, e ele foi examinado pelo substituto, que o liberou. “Quando o médico titular voltou, ele olhou para o meu joelho e disse para o que me aprovou: ‘Como esse cara está aqui? Você deixou ele passar?’ Depois olhou os exames e viu que não tinha nada de mais”, diz Gomes. Pelo menos, em campo não tinha mesmo. “Quando ele fez teste na Europa, corria risco de ser reprovado? Corria. Mas os técnicos o queriam, e não se arrependiram da

escolha”, diz Alexandre Torres.

Às vésperas da Copa de 1990, ele sentiu mais um problema originado por seu joelho — a pubalgia. “Tenho certeza de que foi consequência do joelho. Para poupá-lo, eu forçava demais o púbis”, afirma Ricardo. Essa lesão, porém, não o tirou do Mundial. Aos 25 anos, operado e curado da pubalgia, foi convocado para ser o capitão da seleção na Itália.

“Ricardo tinha um programa especial, de musculação, mas era só. Ele sofreu mais com a pubalgia. Sobre o joelho, eu sabia da cirurgia, mas não percebi repercussões. Ele teve uma lesão e uma

TENHO CERTEZA DE QUE FOI POR CAUSA DO JOELHO, DA LIMITAÇÃO DE MOVIMENTOS QUE EU TINHA

Ricardo Gomes, analisando a lesão muscular que o tirou da Copa de 1994

infecção séria, correu risco de morrer e a carreira também entrou em risco, e superou tudo”, afirma o técnico da seleção da época, Sebastião Lazaroni.

Em 1991, Ricardo Gomes foi contratado a peso de ouro pelo Paris Saint-Germain — e aprovado nos exames. “Os europeus acompanham tudo do jogador antes de contratar. Se tem lesão... Mas Ricardo era acima da média”, diz René Weber. No PSG, teve ótimas atuações. Mas o joelho ainda o incomodava. Sem a cartilagem, corroída, sentia mais dores. “Ele não fazia quase nenhum treino em campo. Era um fenômeno: não treinava e era um dos melhores. Não podia desgastar o joelho com treinos. Tinha que se guardar para o jogo. E jogava muito. Imagina se ele não tivesse esse problema?”, afirma Raí, que foi seu companheiro de PSG em 1994 e 1995.

A pergunta que todos faziam ao ver seu sofrimento era: “Com essas dificuldades, como ele conseguia jogar em alto nível?” A resposta soava uníssona: “Ele se adaptou às suas limitações e aliou isso à qualidade técnica”. “Ele tinha muito senso de colocação. Talvez a contusão o tenha ajudado a se posicionar melhor. Não perdia uma bola”, diz Raí. René



SELEÇÃO Já usava a amarelinha desde os tempos das categorias de base. Em 1990, foi capitão da equipe de Sebastião Lazaroni



FRANCÊS Jogou quatro anos no Paris Saint-Germain, onde seu joelho chegou a ser comparado ao de uma velha. Jogou com Raí, Valdo e Leonardo



CORTE DE 1994 Ricardo se machucou a oito dias do início da Copa e foi cortado da seleção de Dunga, Taffarel e Romário, comandada por Parreira

completa: “Ele ficou até melhor depois da lesão, porque teve que aprender a se posicionar melhor para não precisar correr tanto e desgastar o joelho”.

Ainda no PSG, Ricardo se aproximava de sua segunda Copa, a de 1994. A oito dias do início do Mundial, já nos Estados Unidos, num amistoso contra El Salvador, o capitão se machucou de novo. Ao cortar um cruzamento, esticou a perna e estirou o adutor da perna direita. “Eu não abria tanto a perna e, quando abri, senti que havia estourado. Também tenho certeza de que essa contusão foi por causa do joelho, da limitação de movimentos”, afirma Ricardo.

Mesmo dizendo ter consciência de que seria cortado, foi fazer ressonância magnética para avaliar o grau da lesão. Ao lado de Lídio Toledo, médico da seleção na época, foi à sala do exame. Após o resultado, soube que seria cortado. “Fui avisá-lo da lesão e que não daria para ele jogar a Copa. Quando falei, seus olhos se encheram de lágrimas, os meus também. Dar essa notícia a ele foi muito difícil”, diz Lídio. Fora da Copa, Ricardo viu Dunga, o novo capitão, levantar a taça de campeão.

Em 1995, voltou ao Benfica. As dores

ficavam mais fortes. A artrose o atrapalhava. No dia a dia, fazia fisioterapia e ficava fora de muitos treinamentos. Membros da comissão técnica, ao verem Ricardo entrando no campo para treinar, falavam: “Pode voltar para a fisioterapia. Você tem que jogar...”

“De 1994 a 1996 eu não tenho boas recordações. Eu sentia muita dor depois dos jogos e ficava mal-humorado. Uma vez joguei com o joelho inchado pelo Benfica, estava com o saco cheio de tratar”, afirma o ex-jogador.

Pelo acúmulo de dificuldades, dores e privações, com 31 anos, Ricardo se

aposentou. “Joguei o clássico Benfica x Sporting e no outro dia fui operado porque estava com muitas dores no joelho. O médico, que já era meu amigo, retirou um fragmento de osso de dentro do meu joelho. Ele falou: ‘Não sei como você conseguia andar com isso em você. Para de jogar’. E eu parei.”

Parou mesmo. Se no começo de carreira, por causa da lesão que o atrapalhou a vida inteira, tinha o joelho de uma “velha”, Ricardo provou que sua categoria e poder de superação atropelavam qualquer dor e limitação. A “velha” andou sim— e como andou... ❁

ELES QUASE SE APOSENTARAM

VEJA JOGADORES QUE SOFRERAM LESÃO PARECIDA



MAIKON LEITE Em 2008, o santista se chocou com o goleiro Bruno, do Flamengo, rompeu todos os ligamentos e deslocou a rótula. Voltou aos gramados no começo deste ano.



MARCELO OLIVEIRA O ex-corinthiano rompeu o ligamento cruzado do joelho esquerdo e, como Ricardo Gomes, na cirurgia, sofreu com uma infecção hospitalar. Retornou no ano passado.